

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 1 DE OUTUBRO DE 1883.

N. 11.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1883.



BELLAS-ARTES

PINTURA, arte bella por excellencia, está entre nós em um gráo de atrazo que penalisa.

Isto dizem os poucos que *ousam* aventurar algumas palavras referentes a este ramo dos conhecimentos humanos.

E geralmente dão como causa deste atrazo o não termos uma academia de bellas-artes bem organizada, como as que ha na Europa.

Devemos convir em tudo isto, e, com bastante pezar, reconhecermos que a nossa Academia Imperial das Bellas-Artes não preenche os fins para que foi creada; porquanto, além do mais, alguns dos Srs. professores não podem realizar milagres, ensinando bem aquillo que mal sabem.

Não lancemos, porém, toda a culpa da decadencia d'esta bella arte, ás costas da pobre Academia das ditas.

Diversas causas concorrem para o atrazo em que está, entre nós, a arte sublime que immortalisou centenas de homens; os poucos artistas que temos constituem uma.

Estes *senhores* em vez de produzirem com afan, quadros inspirados no que a natureza tem de bello, magestoso e pittoresco, quer em paisagens maritima e terrestre, quer em costumes nacionaes; em vez de se congregarem e promoverem exposições, concursos, etc., para os fins de progredirem pelo confronto commum de suas obras, e despertar tambem o gosto do publico, ensinando-o a conhecer a arte para depois elle estimal-a; em vez de iniciarem, emfim, um periodo salutar de actividade artistica, — nada disto: os nossos *caros* artistas odeiam-se bastante para não se unirem: vivem isolados, incognitos, sem terem as *pretensões* dos *pedantes* pintores europeus, *uma sucia de pomadistas*!

Alguns delles—(dos nossos artistas) quando estão na Europa, remetem para aqui uns bons quadros, que os nossos *criticos* acham sublimes.

Em chegando, porém, aqui esses *prodigios*, o calor derrete-lhes a sabedoria, e elles, então, ou *pingam* uns retratos regulares, ou ficam absolutamente em secco,

a darem *sécca* pela rua do Ouvidor, fallando de tudo, menos de arte.

Os nossos *criticos*, que só fazem *critica* louvaminheira, quando, por acaso, apparece algum quadro, são tambem os causadores inconscientes do atrazo das bellas-artes.

Diversas telas, algumas de merecimento artistico, têm sido expostas ao publico e os *taes criticos* ou não dizem sequer uma palavra, ou fazem uma critica balofa, na qual figuram os nomes dos grandes mestres *que foram*, para mostrar simplesmente a *erudição* do *critico*, que sabe apenas *de ouvido* os nomes desses mestres, e do que elles produziram; ou, se porventura o *critico* chegou a ver essas produções que são apontadas como modelos, não as comprehendeu como *ellas devem* ser comprehendidas, isto é, representando, embora brilhantemente, a arte antiga e por isso improprias de servirem de estalão para quadros feitos segundo as exigencias da arte moderna, que differe muito da antiga, de *convencional memoria*.

Mas os *criticos* não querem saber destas cousas e continuam a escrever o elogio geral do quadro, d'esde o nome do autor até *á rica moldura*, dando, durante o trajecto, pinotes engraçados de erudição, e deixando na *critica* uma cauda luminosa.... de tolices.

O peor, porém, não é isto.

Que os *criticos* (com excepção) elogiem, embora desmesuradamente, uma tela de merecimento, tolera-se, mas não se applaude.

Mas que os *criticos* editem os mesmos elogios, com pequenas variantes, a proposito de quadros mediocres e ruins, só porque *taes* quadros são *obras* dos seus amigos do peito.... isto é que horrorisa e faz com que a gente lembre aos ditos *criticos* que, mal por mal, adoptem, nestas questões de bellas artes, um completo silencio; porque se as suas palavras são de prata, é incontestavel que o silencio tornar-se-ha—ouro.

Os Srs. *criticos*, com a illustração que possuem e com a auctoridade da sua voz através da imprensa, se se dessem ao trabalho de estudar um bocadinho, bem poderiam prestar relevantes serviços ás bellas artes, já clamando reformas no sentido de desenvolver aproveitavelmente o estudo do desenho, já fazendo serias e justas criticas ás produções artisticas que fossem apparecendo, pondo cada qual no seu logar.

Já é tempo dos Srs. *criticos* fugirem de ser irmãos protectores da celebre irmandade do elogio mutuo—qualidade esta que os tem levado até a fazer reclames a *precocidades*, como se o verdadeiro talento precisasse de attestados.

E o publico?

Oh! o publico é, por assim dizer, o *bóde expiatorio* da sanha dos Srs. *criticos* e artistas.

Uns e outros, sempre que podem, atiram com a culpa para as costas largas do *Zé povinho*, dizendo, entre outras cousas, que elle não sabe apreciar o que é bom.

Que querem os Srs. *criticos* e artistas que o *Zé povinho* faça?

Vae elle, porventura, a exposições?

Vê quadros?

Ensinam-lhe a distinguir o trigo do joio?

Nada!

Ah! querem deslumbral-o simplesmente com retratos?

Perdem o tempo.

Elle, o *Zé-povinho*, em virtude, da sua *ingenuidade* em materia artistica, quando lhe decantam exageradamente as bellezas de um retrato a oleo, observa, com desdem:

— Ora... ora! Melhor do que *aquillo* tenho eu uma duzia por dez mil réis!...

E em seguida, depois de ter dito esta phrase caracteristica, elle vai retratar-se a uma photographia, e comprar gravuras e oleographias, que nos vem de fóra, e com ellas enfeita as paredes de sua casa.

.....

Emquanto, pois, os Srs. artistas e *criticos* não se compenetrarem de que só com mais trabalho e menos basofia, com mais senso e menos elogio, é que conseguirão despertar o gosto do publico: emquanto SS. SS. não se arredarem do pessimo caminho que hão seguido, podem continuar a chocalhar pessimismo lamuriento, que o *respeitavel publico* continuará tambem a lavar as mãos, como Pilatos; pois, francamente fallando, elle não tem culpa de ser o culpado.

J. REIS.

O A R

(Continuação)

Sua mistura. — Dissolução dos seus elementos na água.

O ar se dissolve facilmente n'água; póde-se mostrar isto, fazendo ferver a agua contida em um ballão, communicando a sua parte superior, por um tubo duas vezes recurvado com uma cuveta cheia de mercurio: bolhas de ar escapadas ao liquido em ebulição, vêm á parte superior da cuveta. E' graças ao ar que a agua tem em dissolução, que certos animaes e plantas podem viver debaixo d'ella.

Quando um composto chimico, bem definido, se dissolve n'água, os elementos dissolvidos estão na mesma proporção que no gaz primitivo.

No caso contrario, isto é, se fôr uma mistura gazona, cada gaz se dissolve, como se estivesse só, com a pressão em que se acha na mistura; a solubilidade é proporcional á pressão.

Se o ar é uma mistura, o que deveremos encontrar no gaz, recolhido na cuveta, da experiencia anterior?

Um litro d'agua dissolve 41 centimetros cubicos de oxigenio, na pressão ordinaria. No ar o oxigenio tem uma pressão de $\frac{1}{5}$ de atmosphaera; do que se conclue que 1 litro de agua deverá dissolver 41 centimetros $\times \frac{1}{5}$ ou 8 millimetros e 1 de oxigenio.

Um litro d'agua dissolve 20 centimetros cubicos de azoto na pressão ordinaria. No ar o azoto tem uma pressão de $\frac{4}{5}$ de atmosphaera; do que se conclue que a deverá dissolver 20 centimetros $\times \frac{4}{5}$ ou 16 centimetros de azoto contido no ar.

Si analisar-se o ar, extrahido da agua pela ebulição,

achar-se-ha que o volume do oxigenio e o do azoto d'esta mistura, estão como 1 para 2, o que não deveria acontecer se o ar fosse uma combinação, pois a relação entre o oxigenio e o azoto é de 1 para 5.

(Continúa).

J. C.

EXPECTATIVA

A orchestra preludia ao toque do signal. —
A casa inteira attenta ao som da ouvertura;
E lento vae subindo o panno á toda altura
E cala-se de chofre a letra musical.

E' noite já e alta. A scena representa
A sala d'um fidalgo: custosos adereços,
Mobílias luxuosas e quadros d'altos pregos,
Riquezas que a fortuna bafeja e alimenta.

Em scena dous sujeitos, conversam em voz baixa.
Voz que parece vir da profundez da caixa,
Voz que sonha ouro ou voz que urde um trama!

Levantam-se. Um d'elles parece satisfeito.
O outro, mão á cinta, espreita contrafeito...
Senhores attenção! Começa aqui o drama!

DUARTE PORTO JUNIOR.

Matheus, primeiro os teus.

A. A. ONACIREMA

D. Ramiro era o nome de um *atheu* de especialissima *catadura*, que não se contentava em descrever de tudo: odiava a Deus, não queria bem ao diabo e de fôrma alguma se conformava com a sympathia que devia aos seus semelhantes.

Além d'isso, o mundo que cercava D. Ramiro, não era, no seu bom ou máu entendimento, outra coisa senão a representação real das concepções comicas de Molière. D. Ramiro não amava a Deus, porque muitas vezes planeava roubar o proximo, e Deus não favorecia os seus infames designios; não queria bem ao diabo, porque quando o chamava em seu auxilio, para se ver livre dos credores, elle fazia *ouvidos de mercador*; não se conformava com a sympathia que devia aos seus semelhantes, porque pensava que havia *cahido do céu por descuido*, quando S. Pedro pescava almas a *caniço* nas margens do famoso Tibre.

O heróe cujos traços ahi ficam imperfeitamente debuxados, não é uma concepção fantasmagorica, nem tão pouco uma allucinação mystica, resultante da idéa que geralmente se faz da requintada perversidade do *egoismo*; porque nas seguintes palavras do Sr. Onacirema veremos a prova evidentissima da existencia de tão pernicioso phyloxera: *Amar, querer e aborrecer a Deus, ao diabo e a todo o mundo — ter amizade unica e exclusivamente ao seu bem estar. Eis o regulamento interno da humanidade, imposto pela sociedade.*

E eu (*septicismo á parte*) não affirmo que tenha havido excepção de regra no cumprimento d'esta lei.

Acho justa, não ha duvida, a definição do Sr. Onacirema; causou-me, porém, estranheza, o saber que S. S. tinha *amizade unica e exclusivamente ao seu bem estar*, e que para justificar essa maneira de proceder, assás irregularissima, S. S. *affirme*, que não *affirma* que tenha havido excepção de regra no cumprimento da lei geral do *egoismo*, quando é sabido que essa lei, que lhe serve de *baluarte inexpugnável*, nunca assoberbou homens de rija tempera moral.

Mas, embora o Sr. Onacirema não acredite na existencia dos instinctos sympathicos, consinta que o mais humilde admirador dos recursos da sua intelligencia, deixe a massa anonyma a que pertence e venha respei-

tosamente, declarar á face do « Centro Litterario », que a historia refere innumeraveis exemplos de *altruismo*, dos quaes passo a citar alguns dos mais conhecidos, para convencer S. S. de que tem havido excepção de *regra* no cumprimento da lei geral do *egoismo*, na qual S. S. e S. Matheus figuram em *alto relevo*.

Se o Sr. *Onacirema* não fosse, como todos os seguidores das palavras de S. Matheus, refractario á leitura da historia do christianismo, com certeza teria aprendido os mais pasmosos exemplos de abnegação.

Os sentimentos sympathicos de Jesus Christo, eram de tal modo elevados e foi tão sincero o seu sacrificio pela regeneração social, que as sociedades christãs, ainda hoje se curvam reverentes diante da imagem que symbolisa os soffrimentos de Christo. Santo Agostinho e S. Thomaz de Aquino tambem imitaram a vida de Christo.

Passemos á historia dos *hereses sublimes* :

Guttemberg, sacrificou-se, porque ao seu bem estar, preferio abrir a valvula mais poderosa da intelligencia humana — a imprensa.

Martinho Luthero, sacrificou o seu bem estar, levantando com a reforma religiosa a bandeira do ensino obrigatorio, que tanto tem concorrido e continuará a concorrer, não só para o desenvolvimento intellectual da Allemanha, como tambem para a resurreição scientifica e litteraria de todo o occidente.

Passemos tambem á historia das *loucas sublimes* :

Carlota Corday, horrorizada com a demagogia infrene do *jacobinismo* francez, cortando-se-lhe o coração ao presenciar as scenas de sangue, de que Marat era um dos principaes causadores, pensou que fazendo desaparecer este monstro, a ordem se restabeleceria em breve tempo. No dia seguinte Carlota Corday caminhava, de frente erguida, para a *guilhotina*, porém o monstro tinha cessado de viver.

Joanna d'Arc, em passado mais remoto, offerece-nos tambem um pasmoso exemplo de abnegação e heroismo, sacrificando-se pela independencia da sua patria.

Passemos agora á historia da democracia moderna :

Victor Hugo, uma das glorias contemporaneas, viveu no exilio muitos annos, porque preferio fustigar o crime de Napoleão III, a viver commodamente na patria.

Baudin, prefere morrer defendendo a sua querida republica *Lamartiniana*, á gloria de ser *Cyrenéo* de Napoleão III, o *Isariotes* da França republicana.

Leon Gambetta, para salvar a honra do povo francez, ultrajada pelo exercito de Frederico Carlos, da Prussia, sahe de Paris em balão, exactamente no momento em que esta cidade estava cercada pelo exercito prussiano.

Tiradentes, não querendo comprometter as pessoas envolvidas na *conjuracão mineira* de 1789, tomou sobre seus hombros toda a responsabilidade de tão estupendo facto, do que lhe resultou morrer affrontosamente no patibulo. Haverá algum exemplo de desinteresse que possa exceder o de Silva Xavier? Não creio.

Emfim, para qualquer lado que lancemos a vista, encontraremos sempre alguns exemplos de *altruismo*.

E' em virtude do que ahí fica referido, que peço ao Sr. *Onacirema*, que consinta que eu duvide da sinceridade da sua definição. De duas uma : ou a definição do Sr. *Onacirema* é filha do mais condemnavel septicismo a que a intelligencia do homem póde chegar, quando se basêa nas *antinomias da razão*, ou então S. S. não deixa de ser um tanto parecido com o meu D. Ramiro, que, confesso, não seria o *cumulo do egoismo*, se não tivesse lido pela cartilha de S. Matheus. Enquanto a mim : não leio pela cartilha de S. Matheus, nem pela do Sr. *Onacirema* ; limitando-me a seguir os dictames da minha consciencia e as soluções racionais da minha intelli-

gencia, confesso que detesto o *Matheus, primeiro os leus*, porque este dito é a theoria do egoismo.

Rio, 14 de Setembro de 1883.

ANTONIO DE SÁ.

MARIA

A J. S. P.

QUANTAS vezes teu nome tenho escripto...
Nem sei... já tantas são!
De amor, affecto puro, não mentido,
Te juro que mil lagrimas tem vertido
Meu pobre coração.

A balbuciar teu nome, inda creança,
Me lembro que aprendi...
Elle é o nome querido da minh'alma!
E' o d'aquella que um dia em triste calma
Ao céu subir eu vi...

Por isso eu te amarei enquanto vivo
Pulsar meu coração...
E, se além d'esta ha ainda outra vida,
No peito meu verás a dôr sentida
Que nutre esta paixão.

CALP.

Um juramento fatal

(Continuação)



PASSARAM-SE tres mezes ; meu pae, continuou o moço marinheiro, estava para seguir viagem para o Rio de Janeiro, quando, repentinamente, foi accommetido d'uma doença que o prostrou na cama.

Minha boa mãe não lhe sahia da cabeça do leito ; ás vezes tambem eu acompanhava-a na sua tarefa diurna, e meu pae ao contemplar-me, exclamava — « Assim rapaz ! um dia tambem serás obrigado a permanecer de *quarto* no convéz d'um navio, porque o dever assim o exige. Tenho fé em Deos que preencherás com toda a galhardia o lugar que te reservo na *Syracusa* ; esse dia ainda está longe, e sinto devéras o não presenciar uma manobra debaixo do teu commando.

— Não diga isso, meu pae, respondia eu ; um dia ainda terá o gosto de me ver a *bordo* supprir o seu lugar. — « Chega-te a mim, Alberto ; deixa depositar na tua frente um beijo, como epilogo da nossa conversa de hoje. » Em seguida eu ia deitar-me.

Já estava dando cuidado a doença de meu pae ; comtudo minha mãe tinha esperanças do seu restabelecimento, apezar de sempre andar a chorar.

Um dia, eram 11 horas, e já estávamos para nos retirar do quarto, quando meu pae teve um ataque que nos deu serio cuidado ; felizmente pelo amanhecer elle soceçou.

No outro dia veio á nossa casa o dono do navio ; vinha saber da saude de meu pae, e, ao mesmo tempo, ter com elle uma conversa.

Foi sem demora introduzido na alcova do doente.

Passadas algumas horas, o Sr. Leite, (era o seu nome) retirou-se, depois de dizer a minha mãe que se precisasse de alguma cousa, era só ter o trabalho de ir á casa delle.

A' noite fomos ver o doente, e foi então que meu pae contou-nos a conversa que tivera com o Sr. Leite.

Dissera-lhe este : que sendo já decorridos quatro mezes e estando concluido o carregamento da galera, havia entregue o commando d'ella ao immediato ; e que esperava que meu pae não levasse isto a mal : pelo

contrario, devia ser o primeiro a dar boas informações de uma pessoa que andára ás suas ordens, durante oito annos.

Ao que meu pae respondeu: « Fique sabendo, Sr. Leite, que os marinheiros disciplinados por mim serão capazes de tomar conta de um navio de Sua Magestade.

« O meu immediato, sabe, como eu, os deveres de um verdadeiro marinheiro; por isso pôde-lhe confiar o commando da *Syracusa*. O que bastante me penalisa é o não poder eu fazer essa viagem; porém, paciência: vou fazer outra que todos nós havemos de fazer....

— « Descance, replicou-lhe o Sr. Leite; logo que o Sr. estiver restabelecido de seus incommodos, irá ao Rio, tomar o commando da sua querida *Syracusa*.

— « Agradeço-lhe, tornou meu pae, todas as considerações que tem para commigo, que, bem se vê, são dictadas por um coração nobre com é o seu. »

Foi isto o que se passou.

No dia 14 de Setembro de 18... sahia barra fóra a galera *Syracusa*, commandada pelo habil immediato Jorge Vasco de Menezes.

Meu pae ao saber esta noticia, chorou.

— Podéra não, atalhou o Trafaria; qual será o desalmado marinheiro que, ao ver sahir pela barra o navio em que andou longo tempo, não sente o coração commover-se e deixa de verter uma lagrima?

Não ha, nem pôde haver!...

— Lá isso é verdade, respondeu o moço marinheiro; é triste, bem triste... Mas...

Continuemos, porém, a narração:

Meu pae não melhorava; e a tristeza de minha mãe, augmentando sempre, causava-me grande impressão, embora eu, pela minha pouca idade, não pudesse avaliar bem a dôr enorme que a acabrunhava.

Eu sabia que meu pae estava doente, porém, não imaginava que a sua molestia fosse grave.

Aqui o moço fez uma pausa; quem olhasse para elle veria estampada no seu semblante uma expressão de verdadeiro sentimento doloroso. Seus olhos lacrimosos commoveram o velho marinheiro que olhava attento para o moço.

— Desculpa, Trafaria, a minha fraqueza, que não é propria de um homem do mar...

Mas as lagrimas que verto n'este instante estão muito longe para regarem a campa de meu pae.

O velho marinheiro não pôde mais resistir: lembrou-se de que era pae, e as lagrimas lhe vieram aos olhos; e elle apoiou-se ao *cabrestante* para não cair.

O que se passaria n'aquelle momento no coração dos dois homens?

Ao philosopho compete responder.

— *A'la braços a bombordo!* — exclamou o official de *quarto*; *àla braços!* — repetiram em côro os marinheiros.

Foi esta manobra que veio tirar d'aquelle posição critica os nossos dois personagens.

— *Ferra o joanete! Aguenta o leme!*

— Teremos dansa? — perguntou Alberto de Magalhães ao velho marinheiro.

— Tanto melhor, replicou este.

Os leitores já devem conhecer Alberto de Magalhães, pois este nome é o d'aquelle que temos designado: — *moço marinheiro*.

Acabadas as manobras, tomaram todos os seus lugares.

— Continue, Sr. Alberto, disse o Trafaria — pois que me interessa bastante a sua narração; ao mesmo tempo lembre-se que está mettido n'uma vida em que não é muito honroso andar a chorar.

« E' moço, tenha fé que ainda ha de ser capitão d'uma galera como a *Syracusa*; e n'esse dia, apesar de velho, subirei ao tope do *mastaréu* para levantar um viva ao capitão Alberto de Magalhães. »

— Obrigado, Trafaria; mas bem sabes que não posso calar uma dor que levarei commigo para o tumulto: lá, sim... acaba-se tudo. Eu sei que não é dado ao marinheiro, nos mistéres da sua profissão, verter uma lagrima pelo que lhe seja mais caro.

« E's marinheiro, tens visto temporaes varrer o convez do navio; tens presenciado o mar em montanhas a lamber os *lais* das vergas; e, finalmente, conheces que em occasiões iguaes a estas, é necessario lançar mão ao ultimo recurso que é a — lancha! E tudo isto o marinheiro encara firme. Mas o que tu não vistes, Trafaria, e foge sempre de ver, é morrer em teus braços um pae extremoso e dedicado; dous mezes depois perder para sempre uma mãe santa, a quem eu dedicava o maior affecto.

« E' muito triste perder uma boa mãe na idade em que eu a deixei de ter; vae fazer um anno, tinha eu 10 annos incompletos.

Passados dois mezes após a morte de minha mãe, o Sr. Leite, vendo que eu tinha propensão para a vida do mar, mandou-me para bordo do *Calypso*.

Mal sabia elle o juramento a que eu, embora creança, estava ligado. »

Rio. 12 de Setembro 1883.

(Continúa).

INNOCENCIO CRUZ.

AI... AI...

A' ARNALDO DANTAS

Coração, até que enfim,
Desalmado coração!...
Triumphaste á razão
E cahiste no *chinfrim*!

Acompanhaste, *fimfim*,
Da Santa Ingracia — paixão —
O terço e a *procissão*
Sem teres pena de mim?...!

Oh! Caim! Oh! desgraçado!
Tu p'ra veres tua amada
Precisas roupa e calçado...

Moça gosta é de *pomada*
E... oh! céos! 'stou quebrdo
E ninguém me fia nada!...

A. ONACIREMA.

ETC.

U *m fura-paredes*, em sua meninice,
Na presença de luzido auditorio,
Mostrar quiz o seu geito oratorio;
E sômente arengou muita sandice.

Certo ouvinte frenetico e finorio,
Que tolerar não pôde a *bernardice*.
Ponderou, em jocoso *palavrório*,
Que o tolo menino se punisse.

E o zangado rapazito lhe volveu:
— E' mui banal o censor e é sandeu,
Por isso sua critica não penetra!

— Não penetra! disse o tenro *erudito*;
Mas penetra a verdade d'este dito:
Quem se mette com crianças,... etc...

Julho de 1883.

Jéso.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda, 31.